

Histórico de Atividades Realizadas no Setor

<https://nictupanan.wordpress.com/2013/10/> - cultura indígena e afro-brasileira

1 – patrimônio imaterial cultura indígena e afro-brasileira

 <p>Nic Tupan-An no Escritor nas Bibliotecas</p>	<p>Matéria Jornal da Gazeta, sobre a Fundação de São Paulo sob a ótica indígena (através dos nomes de ruas, bairros e rios em tupi-guarani – analisando a tradução dos nomes indígenas com a região). Sob nome literário de Nic Tupan-An</p> <p>https://www.youtube.com/watch?t=79&v=EnCLJebhgW0</p>
	<p>Entrevista Rádio Jovem Pan</p> <p>http://mais.uol.com.br/view/85r7d735prrw/nicolau-tupanan-04028C9B316CC0A94326?types=P&#038</p>
	<p>Entrevista Revista Superinteressante, sob nome literário de Nic Tupan-An</p> <p>http://super.abril.com.br/cultura/lingua-do-brasil</p>



OBRA E AUTOR: o etnólogo Nicolau Tupan-An coletou um total de 3 mil termos originários da África e relacionou 183 deles em seu novo trabalho

CULTURA

Língua isolada no gueto

LIVRO RELACIONA VOCÁBULOS AFRICANOS QUE REFORÇARAM O UNIVERSO DAS GÍRIAS

JOÃO PAULO SOARES

Jabaculê, meganha, pileque, quenga. O significado dessas gírias é bem conhecido, mas poucos sabem por que, afinal, tais expressões remetem a palavras tão diferentes das usadas na chamada "língua culta". Muitos dos que andam por aí chamando policial de meganha ou prostituta de quenga sequer desconfiam que estão usando vocábulos que começaram a desembarcar aqui no século 18, com os africanos. Traçadas pelos escravos, milhares dessas palavras invadiram o falatório geral do País, mas, ao contrário do tratamento dispensado ao tupi e ao português, os "africanismos" acabaram confinados ao linguajar chulo. "Por preconceito, os termos de origem africana sempre viveram à margem do vocabulário oficial. A maioria está relacionada a gírias", analisa o etnólogo Nicolau Tupan-An, de 41 anos.

Após oito anos de pesquisas, ele reuniu 3 mil vocábulos que, assegura, vieram diretamente da África para o Brasil - e ainda hoje são usados em larga escala em todo território nacional. Destes, 183 estão no livro *Código Negro - Razão Afro-Brasileira* (STS, 94 páginas, R\$ 20), que o etnólogo decidiu lançar agora em homenagem ao Dia da Consciência Negra,

comemorado na próxima terça-feira.

Todas as palavras relacionadas na obra são oriundas do quimbundo, do quicongo e do umbundo, subdivisões do banto, um dos grandes troncos lingüísticos do continente negro. "Eram as línguas faladas em Angola, em Moçambique e no Congo, de onde vieram a maioria dos escravos", explica o autor. Segundo ele, mesmo após a colonização européia, muitas das palavras do vocabulário ancestral

continuam sendo usadas nestes países. "Sobretudo nas manifestações populares", ressalta.

Para chegar aos 3 mil vocábulos, Tupan-An mergulhou em obras sobre religião, dança, música e mitologia africanas, de autores brasileiros e europeus. "Infelizmente, só deu para publicar uma pequena parte do material. Um dia, se tiver dinheiro, pretendo lançar um grande dicionário, com todas as palavras encontradas", sonha o pesquisador. ●



DIRETO DA ÁFRICA

Confira abaixo algumas palavras que, segundo Nicolau Tupan-An, vieram do continente negro.

- **Bambambã:** mestre (do umbundo mbambamba)
- **Bingo:** vencer, ganhar (do quicongo binga)
- **Lenga-lenga:** gemer (do quicongo ndengandenga)
- **Leso, lesado:** idiota (do quimbundo leza)
- **Manha:** desobediência (do umbundo omanha)
- **Meganha:** odioso (do quimbundo mengana)
- **Moleca:** coisa miúda (do

umbundo melekete)

- **Moquifo:** casebre (do umbundo omukizu)
- **Muvuca:** febre, desordem (do quimbundo mvuka)
- **Pileque:** pegando fogo (do quimbundo pilake)
- **Quenga:** prostituta (do quimbundo penga)
- **Sabugo:** rolha (do quimbundo sabuku)
- **Sinuca:** impedido (do quimbundo simuka)
- **Sunga:** coisa agarrada (do quimbundo sunga)
- **Tagarela:** falar (do quimbundo tangeia)

"Ela toma os 2 litros e pouco de uma vez, até provocar o vômito. Com o estômago limpo, ingere aquele último calice separado", conta Tupan-An, lembrando que o mesmo faz seu parceiro. Essa quantidade absorvida pelo organismo dela age no útero e faz com que haja uma inibição de ovulos por cerca de dois anos. "Ela fica estéril ou protegida. No homem, o princípio ativo da planta atua na próstata, onde é produzido o sêmen. Ou seja, o cipó liana funciona como um espermicida", revela. Além da eficácia comprovada, o remédio não tem contra-indicação nem reação adversa como a pílula anticoncepcional.

O uso de insetos como o cupim também é citado por Tupan-An, opção considerada eficaz no tratamento de artrose e artrite inicial. "Até hoje três grupos indígenas do Amazonas usam picadas de cupim nesse sentido. A reação faz a inflamação sumir", revela. Algumas clínicas de terapia alternativa em São Paulo utilizam não só a picada de cupim, mas também a picada de abelha para artrite e artrose. Outro exemplo do emprego de insetos mencionado por ele é a utilização de formigas para produzir o formal.



O senhor da cura

Nas tribos indígenas do Brasil, o conhecimento herdado de práticas seculares é do pajé, misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro. Ele é quem detém o conhecimento de ervas (ou da medicina) e da religiosidade. É a pessoa que acumula essas informações, mas não é o proprietário delas, pois para cada problema que enfrenta pede uma orientação. "De acordo com a crença dos índios brasileiros, a própria natureza é detentora de todos os conhecimentos", afirma Tupan-An.

Quando alguém procura um pajé com algum mal, ele faz a pajelança. Ela tanto pode ser por meio do estado de transe alcançado pelo uso de um charuto, feito de curare, paricá e folhas de tabaco, como por meio de um mantra, espécie de canto repetitivo. "Em transe o curandeiro recebe as informações dos espíritos da natureza, ou mesmo de espíritos elevados que estariam no céu", detalha o estudioso.

Se alguém tem dor de estômago, por exemplo, na pajelança o pajé entra em transe, recebe a orientação dos espíritos e, se for o caso, vai para a floresta e colhe uma determinada erva. Quando retorna à tribo por intuição já sabe o nome que vai dar a tal planta. Um exemplo ilustrativo dado pelo antropólogo é a jurubeba, que significa boca-amarga. "A denominação tem relação com o uso", enfatiza Tupan-An.

O antropólogo comenta que é muito comum a generalização dos conceitos indígenas. "Isso é algo que se peca secularmente", observa. Com relação à questão de doença e cura, ele diz que para cada um dos atuais 200 povos indígenas há uma visão diferente. "Para os caiapós, também da região amazônica, essas questões estão relacionadas ao comportamento social. Eles acreditam que se alguém ficou doente é porque a alma dela adoeceu primeiro. Ou seja, espiritualmente a pessoa adoece e depois fisicamente essa doença se manifesta", explica. Essa tribo crê em espíritos malignos, como, por exemplo, o homem branco, que leva a gripe até eles.

destaque

Coisa de índio

Fala-se bastante, hoje em dia, em pirataria, principalmente na indústria de informática e também na musical, mas pouco se fala em biopirataria. Pouco se diz das centenas de espécies de plantas que cruzam as fronteiras brasileiras e vão parar em laboratórios internacionais. Patenteadas lá fora, passam batidos a catalogação feita por estudiosos brasileiros e também o seu uso ancestral, uma vez que várias dessas plantas fazem parte do que poderia ser denominada farmacologia dos pajés. “A biopirataria é uma questão séria; infelizmente não há fiscalização ou coerção do governo. Ainda hoje cerca de 2.500 espécies de plantas são utilizadas por índios”, comenta o antropólogo Nicolau Tupan-An, professor de História da Cultura Indígena e da Cultura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O antropólogo diz que um número reduzido de pessoas tem conhecimento de que o índio é proprietário de uma tecnologia bastante própria e eficaz. “A tribo Deni e os caboclos da região amazônica utilizam o cipó liana como método contraceptivo”, exemplifica. Uma vez por ano as mulheres da tribo aparrham o equivalente a um metro do cipó, socam-no em um pilão até obter por volta de 250 ml de seiva e misturam com cerca de 5 litros de água. Separam 2 litros e meio para elas, mais um cálice pequeno à parte e o restante deixam para os parceiros beberem.

Nos fundos falsos de malas, biopiratas internacionais levam embora anos e anos de conhecimento de plantas medicinais cultivadas pelos nossos índios, sem nenhuma providência por parte do governo

Texto: Margarete Azevedo

Sofisticação

"Na época em que não havia contato com o homem branco, os caiapós eram por si sós um povo saudável. Eles tinham apenas alguns problemas endêmicos de bócio e casos de vômito incontrolável. Nessas situações atribuíam essas moléstias aos espíritos das florestas. Diziam: 'Passei em determinado lugar, lá tinha um espírito ruim e ele me pegou.' Acreditavam nisso", relata. Tupan-An acrescenta que nas tribos não existe automedicação, somente a orientação do pajé. Essa prática é natural, pois a doença e a espiritualidade são vinculadas. "Não se trata de um problema apenas físico", frisa.

Os caiapós chegaram a tal ponto de sofisticação que descreveram 250 tipos de desintéria e para cada uma elaboraram um medicamento natural. "Atualmente, é uma das tribos que mais entendem dessa questão de pajelan-

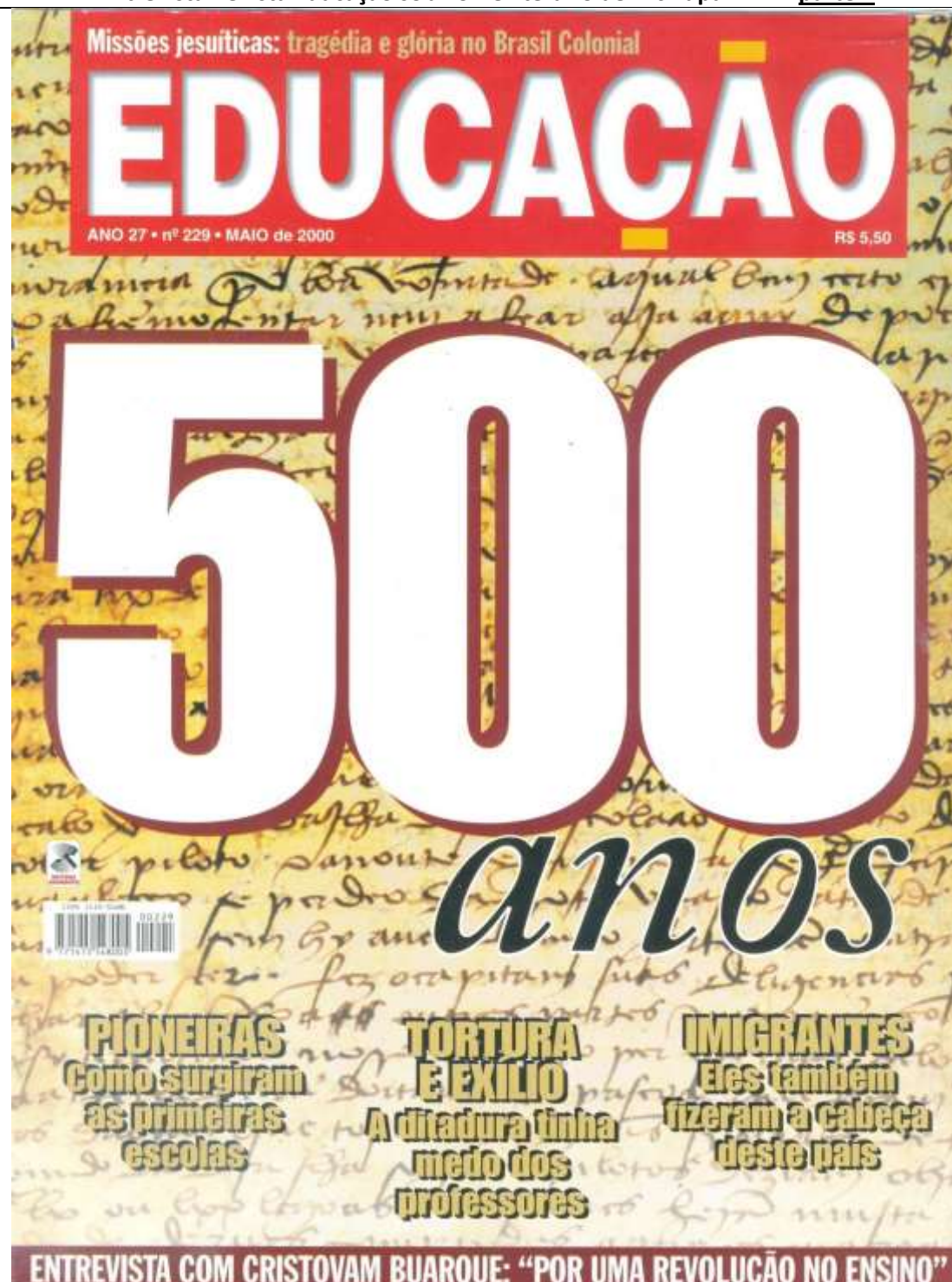
ça. Os tucaramões e os crenacas também possuem muito conhecimento. Infelizmente, o contato do homem branco acabou por proibir o uso da própria medicina indígena", enfatiza o estudioso.

Tupan-An esclarece que os povos indígenas até 1910 eram tutelados do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), transformado mais tarde em Fundação Nacional do Índio (Funai). "Como tutora, ela deveria manter o índio, dar-lhe assistência não somente cultural, mas também médica. Para isso, existia a Fundação Nacional de Saúde (Funasa). No entanto, hoje o índio está sem assistência alguma. E ainda é proibido de usar a sua própria medicina não só pela Funai, mas da mesma forma pelos pastores evangélicos e missionários católicos que vão até as tribos. Dizem para eles que é errado fazer o uso da pajelança, que tem de usar a medicina do homem branco", emenda.

Sistematização

A maioria das línguas faladas pelos povos indígenas por ser ágrafa, ou seja, não ter escrita, teve todo o conhecimento mantido por meio da tradição oral. O contato com o homem branco acabou por aculturá-los. Nos dias atuais, muitos sabem ler e escrever, e isso tem contribuído na sistematização de todo o conhecimento. "A ideia de sistematizar essas informações foi de Marcos Terena e Ailton Crenac. Ao mesmo tempo que isso é útil, é perigosa. No Brasil, em particular na Amazônia, existe uma riqueza sem igual em termos de diversidade que a farmacologia pode empregar. Apesar disso, nenhuma medida é tomada para impedir o roubo e a patente dessas ervas e conhecimentos", alerta Tupan-An. Ele dá como exemplo o chá popularmente conhecido como quebra-pedra que foi patenteadado e industrializado por um laboratório francês. "Hoje pagamos royalties para eles", afirma.

Na opinião do antropólogo, o uso de todo esse conhecimento não é somente uma forma de reforçar a sua identidade cultural, mas apenas mais um componente. Cada povo tem a sua estrutura cultural e, "no pé em que a política indigenista se encontra, fatalmente será uma forma de resistência, de identidade, porque aí o índio vai se firmar através do conhecimento dele". Nesse sentido até houve progresso. Por exemplo, o Ministério da Educação (MEC) atualmente tem um projeto que forma professores indígenas bilingües. "Eles ensinam para o índio, na própria língua do seu povo, os nossos conhecimentos e os deles."



Quando o presidente Fernando Henrique Cardoso utilizou o termo “nheem-nheem-nheem” para desqualificar as críticas ao seu governo, ele falou com a autoridade de um verdadeiro cacique: a expressão é originária do nheengatu-tupi, herança do tupi – o maior tronco lingüístico dos indígenas brasileiros. Após 500 anos do massacre físico e cultural sofrido pelos índios, a língua nheengatu-tupi sobrevive no português que o colonizador impôs, pela força e por decreto, nas terras do além-mar. Existem cerca de 10 mil desses vocábulos em nosso idioma, presentes em nomes de bairros, cidades, alimentos, entre outros.

O livro *Nheengatu-Tupi – Vocabulário e Gramática* (STS, 90 págs., R\$ 20) reúne 1.700 exemplos dessa influência. Seu autor, Nicolau Leite – Nic Tupan-An, como prefere ser chamado –, é professor de cultura indígena e brasileira e realizou várias pesquisas sobre lendas antigas e dialetos falados atualmente em algumas reservas. “As fontes escritas, como os dicionários, não são confiáveis, pois o nheengatu-tupi é uma língua de aglutinação e muitos pesquisadores cometeram erros ao traduzir para o nosso idioma, que funciona com flexão”, explica. A aglutinação é a junção de duas ou mais palavras em um só vocábulo para designar uma idéia ou objeto, como acontece no japonês e no chinês. A palavra piranha, por exemplo, vem de *pira* (peixe) mais *nha* (dente).

Principal língua dos nativos e idioma de maior influência no português, nheengatu-tupi está praticamente extinta

João Marcos Rainho

Apesar de a língua indígena ser a maior influência no português, ela está praticamente extinta. Não existem índios hoje que falam esse idioma. A exceção fica por conta de caboclos e seringueiros de regiões ribeirinhas da região central, que adotam aquela linguagem, um pouco modificada. E qual o interesse no lançamento de um livro sobre uma língua morta? “Estudar o nheengatu-tupi é resgatar nossas origens culturais”, argumenta Tupan-An, que ministra cursos de extensão em cultura indígena em diversas faculdades.

Assim como o conhecimento do latim é fundamental para compreender a etimologia do português, o nheengatu-tupi oferece a história da formação do idioma falado no Brasil e recupera a importância da cultura indígena nas palavras que usamos no cotidiano. “Recebemos uma grande influência do índio e do negro em nosso idioma, mas costumamos subestimar esse fato e privilegiar, com um orgulho equivocado, a herança européia, que foi reconhecida

forte e importante, mas não foi a única”, afirma Tupan-An.

A influência da principal língua nativa na terra do pau-brasil só não foi maior graças a uma canetada oficial. Em 12 de outubro de 1717, o rei Dom João V (pai de Dom João VI, o príncipe-regente do Brasil) proibiu a fala e a escrita de qualquer outro idioma diferente do português. O nheengatu-tupi era uma língua popular, corrente nas vilas e campos da Colônia, falada por índios, escravos, mercadores e por quem mais quisesse se comunicar fora de lares e repartições públicas. ▶



Foto: Celia Thomé de Souza

ADA

Tupi

OS REMANESCENTES

Hoje existem 39 línguas indígenas vivas e 14 dialetos brasileiros

O tronco TUPI subdivide-se em sete famílias*

Tupi-guarani, juruna, ariken, mondé, mondurucu, rama-ramá, tupari

O tupi-guarani subdivide-se em 22 línguas

- ákuauá – dialetos: assuri e suruí
- amanaié
- turiuára
- apiacá
- assurini do Xingú
- ava-canoeiro
- guajá
- guarani – dialetos: caió, rhanetava, mbá
- kamaurá
- kaiabi
- kocáma
- karicuna do Amapá
- kauaió – dialetos: iai, juri, parintin, temari
- mauê-safaré
- omaguá
- tapirapé
- tenetehara – dialetos: guajará e tembe
- uruéuau
- urubu-caapor
- olampi
- xotá
- tupinambá – com seu dialeto que ganhou proporção de língua, misserabá-tupi, foi a língua-geral no Brasil Colônia

As outras famílias subdividem-se nas seguintes línguas:

- Juruna – juruna
- Ariken – língua karitiana
- Mondé – cinta-larga, aruá, maçacá, mekem, suruí, xoró, mondé (dialetos: sanamaikan, salamá)
- Mondurucu – mondurucu, kuruaíá
- Rama-ramá – arára, itogapik
- Tupari – tupari, makuráp, aiurú, kepkiurát

**Os nomes das famílias, línguas e dialetos correspondem aos nomes dos povos indígenas*

Foto: Nic Tupan-An

Poderia até ser o segundo idioma nacional hoje, como acontece no Paraguai, onde o guarani e o espanhol convivem lado a lado. Acontece que Dom João V percebeu que a língua indígena – popularizada pelos próprios portugueses a partir do dialeto tupi-nambá – poderia ser um elemento perigoso, desencadeador de um sentimento de independência. Também prejudicaria a unificação da enorme colônia portuguesa que acabaria tendo de conviver com um idioma diferente no mesmo território e, o que é pior, mais utilizado que a língua oficial.

Curioso é notar a omissão desse importante fato na maioria dos livros didáticos de história do Brasil. “Confirmei a assinatura dessa provisão em documentos na Torre do Tombo, em Lisboa”, garante Tupan-Nan. Dom João VI – o herdeiro do trono português que fugiu para o Brasil para não ser morto pelas tropas de Napoleão – abriu nossos portos ao comércio internacional, inaugurou as primeiras universidades locais, patrocinou o início da imprensa brasileira e, graças à decisão de seu pai, sufocou o idioma nativo, fazendo cumprir rigorosamente a lei. Imagine os profissionais de comércio exterior da época tendo de se comunicar em nheengatu-tupi para vender as mercadorias na Colônia. Ou os primeiros estudantes universitários conversando livremente na língua indígena na hora do intervalo das aulas. Segundo ▶

Foto: Wikimedia Commons



Reprodução: Wikimedia Commons

Tupi



Foto: Odeia Thyrid de Sousa

Tupan-Nan, a partir da provisão de Dom João V a colonização ganhou fôlego: “A cultura nativa perdeu força com o passar dos anos ao mesmo tempo em que a população indígena foi sendo dizimada.”

No início da colonização, os portugueses utilizaram o nheengatu-tupi como instrumento de dominação. Na época do Descobrimento, havia 900 nações indígenas que falavam cerca de 200 línguas. Uma tremenda Babel. O colonizador percebeu a importância de se comunicar no principal idioma indígena para impor sua cultura. Não somente os portugueses estimularam a difusão da língua no Brasil, mas também espanhóis, holandeses e franceses, que adotaram aquele idioma fácil de aprender – o fonema é igual na escrita.

O padre José de Anchieta elaborou o primeiro dicionário português–nheengatu-tupi, o qual, apesar da imprecisão em diversos vocábulos, ajudou no processo “educacional” da catequese. Vencida a barreira da língua, os jesuítas expandiram o uso do nheengatu-tupi entre todas as tribos que tomavam contato, facilitando a difusão da palavra de Deus.

O nheengatu-tupi tornou-se uma espécie de língua “internacional” na

aldeia global da Colônia. Cada tribo possuía seu próprio dialeto ou idioma, mas foram obrigadas a conhecer o nheengatu-tupi para contatos fora da aldeia. Havia razões menos educativas e religiosas para o aprendizado do nheengatu-tupi por parte dos colonizadores. Ele era o idioma

como o guarani, que possui origem no mesmo tronco lingüístico tupi.

Os 300 mil índios que restaram no Brasil estão divididos em 75 povos e as línguas mais faladas – katiapó e txucaramãí – não derivam do tronco tupi. A maior parte da cultura é transmitida oralmente. Lendas são transformadas em método pedagógico para a perpetuação do conhecimento e das tradições. Tupan-Nan destaca a eficiência desse recurso, que poderia ser mais explorado por professores: “A pedagogia do índio é baseada nas lendas, na liberdade e no ‘sim’; não é algo repressor como a nossa educação.” Ele também critica os livros didáticos que apresentam o índio do ponto de vista do dominante, como um ser preguiçoso, supersticioso e ignorante. “Até o folclore distorceu alguns mitos indígenas. O saci-pererê, por exemplo, é um deus na cultura Tupinambá e não usa gorro nem pula com um pé só, como foi imortalizado na obra de Monteiro Lobato”, lamenta.

De qualquer forma, o professor recomenda as lendas como recurso didático em sala de aula, como faziam os índios. “As lendas passam conceitos em linguagem simples e propiciam o diálogo”, afirma Tupan-Nan. “Funcionam perfeitamente como uma aula de filosofia para crianças.” ■

LATIM NÃO É A ÚNICA HERANÇA ETIMOLÓGICA DO PORTUGUÊS, QUE RECEBEU INFLUÊNCIAS DE ÍNDIOS E NEGROS

do principal aliado dos portugueses contra os invasores franceses e holandeses; os índios tupinambás. Também estava difundido na maioria das tribos do litoral brasileiro e seu entendimento ajudava na compreensão de outros dialetos e idiomas,



Índios: 500 Anos de Resistência

O Brado de um POVO

Sobrevivendo a uma perseguição secular, os índios brasileiros descobrem novos meios de preservar a sua cultura e se fazer respeitar. É a força de um povo que busca o seu justo lugar num mundo de crises e transformações.

Por Romeo Graciano

No meio do corre-corre diário do centro de São Paulo, a presença de crianças índias pedindo "um trocado" é parte do visual da miséria que afronta o transeunte desta cidade de todos os povos. Vendo suas jovens mães sentadas à calçada, amamentando o filho pequeno em meio a peças artesanais oferecidas ao público, penso na triste realidade que confunde esses índios com a população geral de mendigos urbanos.

As miçangas de plástico de seus colares e o tingimento das penas de suas flechas também demonstram como o índio tem incorporado o artificialismo da vida do homem branco. Na *selva de pedra* da metrópole, a dura lei da sobrevivência se impõe a todos os excluídos sem distinção, venha de onde vier, seja do jeito que for.

As festividades dos 500 anos do descobrimento do Brasil não conseguem disfarçar a violência secular voltada às populações nativas destas terras. À época da chegada dos portugueses havia 5 milhões de índios. Hoje eles formam um contingente em torno de 300 mil indivíduos! Segundo o já falecido antropólogo Darcy Ribeiro, a velocidade desse genocídio fica ainda mais evidente no curto espaço de tempo que vai de 1900 a 1957, quando foram extintas nada menos que 87 nações indígenas.

As causas dos contatos desastrosos com os não-índios são bem conhecidas e, nas últimas décadas, têm sido agravadas pelo modelo desenvolvimentista implantado no País. São as transmissões de doenças (inclusive de Aids), as guerras com armamentos desiguais, os conflitos pela posse de suas terras, a aniquilação cultural por conversão religiosa, as alterações das suas condições de vida promovidas por invasores, a destruição do seu meio ambiente pela exploração desordenada dos recursos naturais, a inundação de suas terras para a criação de barragens, as grandes migrações forçadas.

A luta pela manutenção do território é a questão crucial da causa indígena, pois esses povos têm na terra o principal sustentáculo à sua sobrevivência. No passado, a reação aos invasores deixou diversos exemplos de corajosa resistência, como a Confederação dos Tamóios, no século 16, que sob o comando



Necessidades diferenciadas para sobreviver (acima): alteração no conceito de extensão de terras. Índio moderno (direita): submissão à cultura branca.

de Cunhambebe reuniu milhares de índios para impedir a fixação de colônias portuguesas no litoral. Ou a Guerra dos Potiguaras (início do século 17) no litoral da Paraíba e a luta do povo manauara, no Amazonas, sob a liderança de Ajuricaba.

O indigenista, sertanista, linguísta e historiador Orlando Villas-Boas, que passou 45 de seus 85 anos entre os índios, está convicto de que esses povos só podem sobreviver dentro da própria cultura. Por isso afirma que "o índio é um marginal da consciência cole-

tiva", que "a civilização do índio vai acabar", e encara a iniciativa de fazer turismo em áreas indígenas como o derradeiro passo para a destruição da sua cultura.

O Serviço de Proteção ao Índio (SPI), criado em 1910 pelo marechal Cândido Rondon, foi o primeiro órgão federal indigenista. Enquanto esteve à frente do SPI, Rondon, que descendia de índio, conteve invasões aos territórios indígenas e a corrupção interna no órgão. Mas no final dos anos 50 o SPI já estava falido, impossibilitado de cumprir a função a que fora destinado. E, ironicamente, passou a ser chamado de "Serviço de Prostituição do Índio".

Em 1967, a Fundação Nacional do Índio (Funai) substituiu o SPI, sendo o atual órgão tutor das populações indígenas brasileiras. Buscando reformular a relação paternalista que o Estado mantém com os índios, a Funai pretende passar do assistencialismo para a adoção de projetos de desenvolvimento nas suas comunidades. Segundo o censo realizado pela instituição em 1995, o Brasil possui 325 mil indígenas que detêm 11% do território nacional. Pode parecer muito, mas deve-se considerar que esses povos praticam uma agricultura de características próprias e necessitam da caça e do extrativismo para completar sua alimentação, o que altera fundamentalmente o conceito de extensão de terras.

É sabido que tentativas de apropriação de áreas indígenas remontam à época do Brasil colônia. Só que neste final de milênio elas dispõem de elaborados estratagemas, a ponto de incluir até a esterilização de índios como forma de garantir a diminuição da prole. Foi o que aconteceu com 54 índios da nação pataxó, no sul da Bahia, esterilizados por meio de laqueadura de trompas, em cirurgias trocadas por votos pelos candidatos locais.

O preconceito e a discriminação de que os in-





Grupos religiosos em áreas indígenas: perda das tradições espirituais.

Índios são vítimas refletem a profunda ignorância sobre a sua cultura e modo particular de vida. Além disso, não é fácil para o País encarar a sua dívida com esses povos que há séculos vêm sendo massacrados, e que a cada dia se encontram mais submetidos à dominação cultural das sociedades em que estão inseridos, num violento processo de integração e perda de identidade. Em muitas escolas, o Dia do Índio (19 de abril) ainda é uma comemoração que apresenta o índio como uma criatura exótica, emplumada e armada de arco e flecha, numa clara demonstração da nossa falsa superioridade. E, embora existam mais de 500 povos indígenas, todos são generalizados sob a denominação de *índios*, desconsiderando que cada um desses grupos tem suas especificidades.

No documento *Sociedades Indígenas e a Ação do Governo*, lançado em 1996, o presidente Fernando Henrique assegurou "promover a auto-sustentação e o desenvolvimento dos grupos indígenas", uma vez que o "Estado reconhece aos in-

dios o direito às condições dignas de vida e ao etnodesenvolvimento". Entretanto, levantamento do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas) sobre a região amazônica – onde se concentra a maior parte das populações indígenas – constata que, de 96 a 98, a taxa de desmatamento chegou a 11,3% do total devastado desde o ano 1500. Por meio de medidas provisórias e decretos, o governo FHC continua expondo os ecossistemas naturais à degradação sem precedentes na história recente do País.

A catequização é outro problema antigo que desenraíza o índio de suas tradições religiosas, comprometendo seriamente os seus costumes. Estatísticas de 1996 da Funai informam a existência de 35 diferentes grupos religiosos com atividades junto aos índios, dos quais cerca de 19 são evangélicos. No templo da aldeia Campinas, em Mato Grosso, por exemplo, os seguidores da Igreja Universal do Reino de Deus promovem a pregação religiosa na língua nativa da comunidade e até formam

pastores índios, dentro do modelo de suas reuniões nos grandes centros urbanos. Sem a devida assistência governamental, os índios tornam-se dependentes dos benefícios oferecidos pelos religiosos, convertendo-se em troca de comida, medicamentos e roupas.

Felizmente, esta década também tem propiciado à causa indígena a incrementação do uso de modernos meios de divulgação da sua riqueza cultural, com a finalidade de oferecer novos instrumentos de informação para o público. São vídeos dirigidos e produzidos por índios, CDs e fitas cassetes gravados por grupos indígenas, edição de livros sobre seus mitos e tradições, exposições de arte indígena e espetáculos de canto e dança especialmente idealizados para visitantes estrangeiros. Muitos índios estão determinados a contar sua própria história de resistência e a falar dos problemas do seu grupo sem a mediação de antropólogos e missionários, reivindicando uma autonomia que não era muito comum em outras épocas.

O projeto Mirakatu, dos índios waiápi, no Amapá, é um exemplo. Com apoio do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e do Núcleo de Educação Indígena, vinculado à Secretaria de Estado da Educação do Amapá, os waiápi implantaram, no ano passado, esse projeto. Foi produzido um vídeo sobre a cultura waiápi para ser exibido aos agricultores, com o objetivo de evitar os conflitos ocorridos nos anos 70 e 80 por invasões de áreas indígenas. Outra medida foi a educação bilíngüe, que serve tanto à preservação da cultura indígena como para melhorar e facilitar a comunicação entre as aldeias e os não-índios.

Outro projeto de grande importância é o Memória Viva Guarani, que mobiliza quatro aldeias dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. São elas a Morro da Saudade, em Parelheiros, sul da capital paulista; a Boa Vista, em Ubatuba; a Rio Silveira, entre Bertioga e São Sebastião; e a Sapucaí, em Angra dos Reis. Para resgatar e difundir a cultura guarani, um grupo de in-



Índios guaranis na cidade de São Paulo: existência precária.

dios dessas quatro aldeias lançou, em agosto de 98, um CD e fitas cassetes com composições guaranis, distribuídos em escolas, universidades e entre as aldeias.

O Estado de São Paulo possui cerca de 3.400 índios de cinco etnias: guarani, terena, kaingang, krenak e ponkararu. A maior parte deles vive em condições precárias, sem abastecimento de água e esgoto, em casas feitas com madeiras velhas ou papelão, cobertas por plástico ou telhas de amianto. Isso levou várias dessas tribos a reivindicar da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) uma reforma de suas aldeias, com a construção de casas de alvenaria no lugar das habitações de pau-a-pique e sapé. Não são todas as tribos que concordam com as casas de tijolo e concreto, tanto quanto não são poucos os índios que, conscientes das facilidades da vida moderna, não vêem qualquer ameaça às suas tradições no fato de habitá-las. Só o tempo irá mostrar quem estava certo.

Refletindo sobre essas e muitas outras de nossas contradições com um forte anseio de encontrar saídas criativas nas raízes do povo brasileiro, Nic Tupan-An (nome literário) pesquisa, há 13 anos, a língua e os

costumes do povo tupi. Seu lado filósofo e escritor enfoca a cultura brasileira com olhos de quem aprecia revelar surpresas sob a forma de palavras.

Assim, o Vale do Anhangabaú, no coração da cidade de São Paulo, era onde o veado *anhangu* (um veado de pêlo branco) vinha beber a água (*û*) acumulada numa certa fruta (*iba*) da região (*anhanga + iba + û*). Segundo uma lenda tupi, o veado anhangá (metade homem e metade animal) costumava aparecer sempre que o índio caçava de modo errado, infringindo a ordem.

Conraci era como os índios chamavam o Sol. (*Co* = este, *ara* = dia, *ci* = mãe). Para o índio, o Sol era a mãe (quem dá a vida) deste dia.

Jaci era o nome da Lua. *Ja* = vegetal, *ci* = mãe. Portanto, a Lua representava a mãe do reino vegetal.

Nic leciona o nheengatu (*nheeng* = língua, *katú* = boa), que é considerada a língua original do Brasil. Em 1717, Dom João VI baixou uma provisão proibindo que se falasse o nheengatu, pois receava que houvesse uma uniformização na colônia a partir do uso generalizado dessa língua. De acordo com seus estudos, sobrevivem cerca de dez mil vocábulos do tupi/nheengatu na lin-

gua que falamos hoje. É o caso do radical *oc* (que significa entiar no buraco, furar saindo do buraco), encontrado nas palavras tocaiar, pipoca, entre outras.

"Procuro reeducar o brasileiro de hoje, mostrando-lhe a beleza contida em nossas raízes. Mais do que assumir uma postura de professor de cultura indígena, e ser mais um reprodutor de informações, busco respostas existenciais, soluções dentro da nossa própria cultura, sem fazer comparações. Escolhi o tupi por ser o grupo indígena que deu a maior contribuição para a cultura brasileira", explica Nic Tupan-An, que também está elaborando dois dicionários sobre as línguas africanas umbundo e quimbundo.

Neste mês de agosto, ele estará realizando mais um de seus cursos sobre a língua tupi/nheengatu na cidade de São Paulo, no Espaço Cultural Tendal da Lapa. Serão cinco aulas repletas de associações entre a cultura tupi e a realidade brasileira de nossos dias, com abordagem de lendas indígenas que entraram para o nosso folclore, de ritos indígenas comparados com certas tradições mantidas em nossa sociedade, da teogonia tupi em relação à ecologia moderna, da tecnologia indígena frente à tecnologia de ponta da atualidade e das contribuições indígenas para as religiões afro-brasileiras.

"As crenças erradas que mantêm as situações que todos queremos mudar podem ser derrubadas a partir de idéias encontradas em nossa própria cultura. Desde que o brasileiro esteja consciente do que é e como é, ele conhecerá os seus limites para saber lidar melhor com o mundo globalizado", conclui o tupinólogo, que faz da língua indígena um caminho de encantamento e resistência cultural. ☺

Serviço

O curso O Que é Questão Indígena será realizado nos dias 5, 10, 12, 17 e 19 de agosto, das 19h00 às 22h00, no Espaço Cultural Tendal da Lapa: R. Constança, 72, Lapa, São Paulo, fone (011) 3862-1837. Nic Tupan-An realiza palestras e dá consultoria sobre língua e costumes tupis. Contatos pelo fone (011) 6994-2200.

2 – patrimônio imaterial cultura cigana

<http://www.embaixadacigana.org.br/>

- cultura cigana

<http://www.vitsaramanush.com.br/>

- cultura cigana

	<p>Le Paramicha Le Narodoske - As estórias do povo cigano. Lendas ciganas em áudio e vídeo para download gratuito (narradas em Português e Romani e com legendas em Inglês)</p> <p>http://www.embaixadacigana.com.br/lendas.htm</p>
	<p>Músicas Tradicionais Ciganas, interpretadas pelo grupo Vitsa Ramanush, para download gratuito.</p> <p>http://www.embaixadacigana.com.br/musicas.htm</p>
	<p>Material de Pesquisa – Áudio , Vídeo e Pdf – envio gratuito ao usuário</p> <p>http://www.embaixadacigana.com.br/material_pesquisa.htm</p>
	<p>Livros editados e publicados</p> <p>http://www.embaixadacigana.com.br/livros_ciganos.html</p>
	<p>Prêmio Betinho Atitude Cidadã - Nicolas Ramanush</p> <p>http://www.embaixadacigana.com.br/premio_betinho_nicolas_ramanush.html</p>

	<p>Setembro de 2009 - Participação no 13º Congresso e Feira de Educação - Saber 2009 - Promovido pelo SIEEESP http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_saber_2009.htm</p>
	<p>Setembro de 2010 - Participação no I Encontro da Diversidade Independência da Cultura - Mercosul Cultural - Rio de Janeiro http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_riodejaneiro_2010.htm</p>
	<p>Novembro de 2010 -Palestra nas Faculdades Integradas Rio Branco. Tema do evento: O Impacto da Cultura Cigana no Mundo http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_riobranco_2010.htm</p>
	<p>Abril de 2012 - Participação no Ciclo de Debates "Ciganos: Uma história invisível", na Universidade de Brasília. http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_brasilia_2012.html</p>
	<p>Mai de 2012 - Participação no lançamento do catalogo: Casas do Brasil - Barraca Cigana, no Museu da Casa Brasileira. http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_museu_da_casa_brasileira.html</p>
	<p>Setembro de 2012 - Lançamento do Projeto Ciganos na Escola. http://www.embaixadacigana.com.br/ciganos_na_escola.html</p>
	<p>Setembro de 2012 - Lançamento do livro "Atrás do Muro Invisível - Crenças, Tradições e Ativismo Cigano". http://www.embaixadacigana.com.br/livro_atras_do_muro_invisivel.html</p>



Setembro de 2012 - Palestra na Loja Maçônica Magnífica e Perfeita 491 sobre Cultura Cigana.

http://www.embaixadacigana.com.br/palestra_maconaria.html



Novembro de 2012 - Palestra no Centro de Altos Estudos de Segurança da Polícia Militar de São Paulo

http://www.embaixadacigana.com.br/embaixada_cigana_policia_militar.html



Abril de 2013 - Nicolas Ramanush é entrevistado por Antonio Abujamra no programa Provocações da TV Cultura.

http://www.embaixadacigana.com.br/provocacoes_tv_cultura_nicolas_ramanush.html



Mai de 2013 - Aula de mestres na Fundação Cultural Ema Gordon Klabin - Tema: "Música Cigana, Eco de Liberdade".

http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_aula_de_mestre_musica_cigana_ema_klabin.html



Mai de 2013 - Doação de livros e palestra na biblioteca do SESC Sorocaba. Apresentação de música e dança tradicional cigana.

http://www.embaixadacigana.com.br/cultura_cigana_sesc_sorocaba.html



Mai de 2014 - Da Clave Sagrada a Pauta Cultural - OFICINA DE MÚSICA CIGANA com Nicolas Ramanush no SESC Campinas.

http://www.embaixadacigana.com.br/oficina_musica_cigana_sesc_campinas.html



Novembro de 2014 - Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística, palestra a Língua Cigana como língua de imigração.

http://www.embaixadacigana.com.br/seminario_diversidade_linguistica_lingua_cigana.html



Maio de 2011 - Parceria com Associações Ciganas Francesas – Documentário , nossa peregrinação a Saintes Maries de la MÉR

<http://www.embaixadacigana.com.br/saint.html>



Outubro de 2011 - Participação como palestrante no III Seminário Internacional Valencia, Espanha.

<http://www.embaixadacigana.com.br/espanha.html>



Reunião Ministério da Cultura – 11ª Reunião CNPC = Brasília

http://www.embaixadacigana.com.br/atividades_brasilia_2010.htm

Secretaria Especial de
Políticas de Promoção
da Igualdade Racial



Colegiado Cigano

<http://www.embaixadacigana.com.br/collegiado.htm>

ENTREVISTAS

Observatório da Diversidade Cultural – parte 1

<http://observatoriodadiversidade.org.br/site/tag/nicolas-ramanush/>



INÍCIO ▾ INSTITUCIONAL ▾ INFORMAÇÃO ▾ FORMAÇÃO ▾ PESQUISA PARC

ABOUT ODC HISTORY TRAINING TIMELINE

« Ciganos, por Laís Rodrigues
Uma reflexão crítica sobre a Lei 13006: para além da exibição dos filmes nas escolas »

25
2014

Os desafios da Embaixada Cigana

Destaque, NOTÍCIAS

por ODC



O presidente da Embaixada Cigana do Brasil, Nicolas Ramanush, discute os desafios enfrentados pelos ciganos no Brasil e no mundo e explica, em entrevista ao ODC, como a sociedade civil sem fins lucrativos, atua para resgatar, fomentar e preservar a cultura cigana.

A entidade auxilia os ciganos em dificuldade de acesso às condições de cidadania, como documentos de identidade civil, por exemplo, bem como em ações nas áreas de saúde pública e ensino. As dificuldades relativas à inclusão cultural e proteção das tradições, por sua vez, incluem ações de defesa, valorização e recuperação da história e tradições étnicas e culturais, para a promoção do patrimônio cultural e intelectual dos ciganos.

Observatório da Diversidade Cultural – parte 2

ODC – Quais os eixos de atuação, objetivos e ações realizadas pela embaixada no Brasil?

Nicolas Ramanush – Somos uma ONG que existe de fato há 30 anos e como entidade jurídica há cinco. Trabalhamos com resgate, manutenção e difusão da cultura Romani. Nossos objetivos são concretizados na medida em que nos tornamos gradativamente a única ONG de cultura cigana da América Latina com livros editados sobre: língua, crenças, tradições, culinária, música, dança e em breve, medicina tradicional cigana. Somos do grupo sinti-manush, mas o trabalho de resgate, manutenção e difusão se desenvolve também para com a cultura dos demais grupos (do Brasil e do mundo). Já representamos a música e dança cigana do Brasil em Festivais de Cultura Cigana na Eslováquia, França e Espanha. Assim como desenvolvemos anualmente projetos de apresentações públicas sobre nossa história, música e dança em unidades do SESC, com o objetivo de acabar com os estereótipos, preconceitos e generalizações.

ODC – Como avalia a situação social dos ciganos no mundo atual, especialmente no Brasil, no que se refere aos estereótipos historicamente associados a essa cultura?

NR – Na Europa Ibérica os grupos ciganos vivem sob preconceito e discriminação social, mas sem exclusão. No Leste Europeu a situação é drástica: todos os grupos vivem em bairros e ou guetos ciganos, segregados do convívio social da população majoritária. Enfim, lá as ONGs ciganas (romani) lutam contra a discriminação e segregação social. Aqui, no Brasil, não existe segregação. Dos três grupos ciganos, o único que ainda vive à margem da sociedade é o grupo Calon. Para este, o governo federal deveria implementar políticas de integração social. Contudo, aqui existem estereótipos e generalizações que alimentam o preconceito e a discriminação social. Esses estereótipos nascem de crenças pessoais e até mesmo de práticas religiosas, nas quais acreditam na comunicação com espíritos de ciganos. O problema é que o que os tais espíritos dizem e falam “na qualidade de ciganos” não tem nada a ver com a verdadeira cultura de um indivíduo que um dia tenha pertencido a um grupo de etnia cigana. O Brasil é o único país do mundo no qual se realizam “Festas Ciganas”, nas quais homens e mulheres não ciganos se fantasiam e dançam ao som de rumbas e difundem estereótipos ao afirmar que tais eventos colaboram para preservação da cultura. Que cultura?

ODC – Quais valores e práticas da cultura cigana singularizam seus modos de vida?

NR - Todos os valores culturais são de extrema importância. Primeiramente, vamos esclarecer que a palavra cigano(a) não passa de um rótulo generalizante que, de fato, nunca irá dar conta das especificidades culturais existentes em cada grupo ou subgrupo romani. Em outras palavras, não existe cultura cigana, mas sim, culturas ciganas (somos divididos em muitos grupos e subgrupos étnicos). No entanto, a língua Romani é o nosso maior valor a ser preservado. Pois, a língua é o guarda-chuva dos valores culturais em qualquer cultura ou povo.

Observatório da Diversidade Cultural – parte 3

“

O Brasil é o único país do mundo no qual se realizam “Festas Ciganas”, nas quais homens e mulheres não ciganos se fantasiam e dançam ao som de rumbas e difundem estereótipos ao afirmar que tais eventos colaboram para preservação da cultura. Que cultura?

C – Para a embaixada, quais são os desafios ligados à proteção e promoção da cultura cigana, em suas dimensões simbólica, econômica e cidadã?

- Nossos maiores desafios ligados à promoção e preservação cultural, seja do ponto de vista econômico, bórico ou mesmo de cidadania são: quanto ao econômico a falta de apoio dos governos federal, estadual municipal (e inclusive a própria falta de apoio dentro das comunidades ciganas do Brasil); quanto ao fator bórico, ora este é fundamental para que o ser humano assuma sua identidade dentro do social. Neste o, os meios de comunicação em massa que atingem os jovens ciganos subvertem valores que seriam essenciais para a preservação da cultura; quanto à questão da cidadania não podemos deixar de mencionar: todo cigano do Brasil, é um cidadão brasileiro, portador de etnia cigana.

leia também: [Ciganos](#), por Laís Tranha

Fonte: 2014, [Ciganos](#), [Embaixada Cigana do Brasil](#), Nicolas Ramanush

Entrevista para a revista **Presença Pedagógica**
Tema: **Ciganos na escola – parte 1**



reportagem

Ciganos na escola



Tenda cigana na Escola Municipal Dom Velloso, Itumbiara, GO

Entrevista para a revista Presença Pedagógica Tema: Ciganos na escola – parte 3

Eles chegaram ao Brasil em 1574 e exerceram as profissões de ferreiro, mensageiro, comerciante etc. Ao longo do tempo, sofreram discriminação e preconceito. O povo cigano ainda luta para garantir seus direitos de cidadão. Estão em andamento ações governamentais para que a escola inclua os ciganos, respeitando e valorizando seus valores e costumes

Em abril deste ano, o Ministério da Educação reuniu-se com líderes ciganos para traçar metas de atendimento escolar às crianças, adolescentes e jovens de diferentes etnias ciganas. Decidiram que, num trabalho conjunto, iriam indicar as rotas habituais dos ciganos em determinadas regiões do País para que a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), do MEC, pudesse promover encontros com os dirigentes educacionais dos municípios e orientá-los sobre a melhor forma de incluir esses alunos na rede pública de ensino.

A legislação brasileira determina que as crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância tenham garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, de boa qualidade. O Parecer CNE/CEB nº 14/2011 define as diretrizes para esse atendimento, especificando que são considerados alunos em situação de itinerância

aqueles pertencentes a grupos sociais que vivem em tal condição por motivos culturais, políticos, econômicos ou de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão e de teatro mambembe, entre outros.

A Resolução CNE/CEB nº 03/2012 dispõe que os sistemas de ensino assegurem a matrícula sem a imposição de qualquer forma de embaraço, preconceito ou discriminação. Compete à escola, segundo o documento, favorecer a convivência democrática, bem como promover o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os alunos.

A Secadi orienta o professor a procurar conhecer as especificidades étnicas, culturais, sociais, bem como as histórias de vida desses estudantes para que ofereça um ensino de acordo com o parecer e com os princípios dos direitos humanos.

■ MARITA ANDRADE
maritagomara@gmail.com

Entrevista para a revista Presença Pedagógica Tema: Ciganos na escola – parte 4

reportagem

Diálogo entre lideranças ciganas e o governo

Em maio de 2013, um grande acampamento foi montado em Brasília, DF, durante a realização do Brasil Cigano – I Semana Nacional dos Povos Ciganos, que reuniu cerca de 300 participantes de diversas regiões do País. O evento, promovido pelo governo federal, teve como objetivo fortalecer a organização e a participação dos povos ciganos nas discussões sobre políticas públicas, valorizar e dar visibilidade à diversidade da sua cultura e ampliar a interlocução das lideranças ciganas com o Estado brasileiro. Durante o evento foram realizadas conferências sobre cultura e promoção da igualdade racial; oficinas sobre políticas públicas; e apresentações de teatro, música e dança. Também foram oferecidos serviços como emissão de cartão do SUS, de certidão de nascimento, de carteira de identidade etc.

No diálogo que o MEC tem estabelecido com alguns representantes ciganos, as principais reivindicações têm sido o levantamento de dados sobre a população cigana para subsidiar as políticas educacionais, principalmente para erradicar o analfabetismo e a baixa escolarização dessa população; acabar com o preconceito e a discriminação no ambiente escolar e com os constrangimentos que as crianças ciganas passam em sala de aula. Constantemente, os alunos ciganos vivenciam situações de exclusão, discriminação e preconceito. Essa realidade evidencia a necessidade de as instituições de ensino prepararem-se para acolher a diversidade que a cultura cigana traz para a sala de aula.

O MEC tem designado membros de povos ciganos e representantes de órgãos governamentais para compor um Grupo de Trabalho (GT) a fim de acompanhar a implementação da Resolução CNE/CEB nº 03/2012. O edital do GT foi publicado no *Diário Oficial da União* em fevereiro deste ano. O GT iniciou suas atividades em abril último.

Na primeira reunião do GT foram propostas, entre outras, as seguintes ações:

- formação de uma comissão composta por membros de etnias ou grupos ciganos para diálogo com o MEC;
- criação de programas de alfabetização para crianças e para jovens e adultos ciganos;
- organização e valorização de conhecimentos sobre a cultura cigana, conteúdos para a formação de professores da rede pública;
- elaboração de uma política de combate ao preconceito escolar;
- monitoramento dos conteúdos acerca de ciganos nos livros didáticos;
- intensificação de ações junto a Estados e Municípios a fim de dar efetividade à Resolução CNE/CEB nº 03/2012.

Em busca da cidadania

Rodrigo Corrêa Teixeira, autor do livro *Ciganos no Brasil: uma breve história* (Editora Crisálida), conta que durante o Império e no início da República no Brasil, muitos decretos foram feitos para perseguir de forma veemente os ciganos, determinando a sua expulsão das cidades, impedindo a população de comercializar com os ciganos etc. No século XX, o Estado brasileiro passou a rever essa situação, mas ficou omissivo em relação às perseguições na vida em sociedade.

Apenas recentemente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) iniciou a coleta das primeiras

Entrevista para a revista Presença Pedagógica Tema: Ciganos na escola – parte 5

Ciganos na escola

informações oficiais sobre populações ciganas. Os dados da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) de 2011 mostram que há 291 acampamentos ciganos em 21 estados brasileiros. Aqueles com maior concentração são Minas Gerais, com 58; Bahia, com 53, e Goiás, com 38. Muitos deles estão instalados em áreas insalubres, sem saneamento básico. Apenas 13% das prefeituras dos municípios onde se encontram esses acampamentos afirmaram desenvolver políticas públicas para atender essas etnias.

Em 2013, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), ligada à Presidência da República, fez um relatório sobre os ciganos no Brasil e constatou que as suas principais demandas se referem à educação, saúde, registro civil e direitos humanos. Rodrigo Corrêa Teixeira explica que uma grande parcela da população cigana enfrenta graves problemas associados à falta de acesso aos serviços públicos de saúde. Isso ocorre muitas vezes por falta de documentação civil, que é outro problema sério e comum entre os ciganos.

Diante dessa realidade, é possível constatar que os ciganos não têm assegurados os seus direitos como cidadãos. Rodrigo afirma que, aparentemente, a sociedade brasileira não entende a identidade cigana. Ele explica que isso pode ser observado na educação. De um lado existem as dificuldades das próprias comunidades ciganas em se adaptarem às rotinas e regras da rede pública de ensino. De outro, há a falta de qualificação dos educadores no que se refere à educação étnico-racial.

No Brasil, a literatura sobre ciganos, principalmente na área educacional, é bastante reduzida. "Não há conhecimento formal de nossos professores sobre a realidade dos ciganos no País ou no mundo", diz Rodrigo. São poucas as fontes para pesquisa sobre o assunto em língua portuguesa. "Toda essa realidade expressa-se na presença muito pequena de ciganos brasileiros formados no ensino universitário", comenta Rodrigo.

Pensar numa educação para os ciganos requer, antes de tudo, dar voz a essa população que, historicamente, foi inferiorizada, na opinião de Rodrigo. Outro grande desafio é promover a educação dos ciganos para que eles dominem os códigos da sociedade que os envolve, sem prejudicar os elementos que constituem sua identidade.

Contribuições culturais

"O retrato atual da cultura cigana ainda é o da luta pelos direitos, pela preservação e reconhecimento", diz Nicolas Ramanush Leite, professor de Antropologia Cultural na PUC-SP e presidente da ONG "Embaixada Cigana do Brasil Phralipen Romane". Segundo ele, a população de ciganos está estimada, atualmente, em 800 mil no Brasil, distribuídos entre as etnias Calon, Rom e Sintí, cada qual com línguas, culturas e costumes próprios.



Nicolas Ramanush Leite

Foto: Arquivo pessoal



Entrevista para a revista Presença Pedagógica Tema: Ciganos na escola – parte 6

reportagem

Hoje, a maioria dos ciganos brasileiros (como os Rom e os Sintí) já se encontra integrada à sociedade, vivendo em endereços fixos. Apenas os Calon, segundo Nicolas Ramanuh Leite, vivem em acampamentos e seguem de forma itinerante as suas rotas de trabalho. “Nenhuma dessas emias, porém, recebe auxílio do governo. O único reconhecimento governamental que tivemos ocorreu em 2006, quando o governo federal instituiu o Dia Nacional do Cigano a ser comemorado todo dia 24 de maio, em homenagem à padroeira Santa Sara Kali”, esclarece Nicolas.

Essa data foi estipulada em reconhecimento à colaboração dos ciganos na formação da cultura brasileira, tendo em vista o fato de que os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil, em 1574, trouxeram as profissões de ferreiro, mensageiro, comerciante etc.

Faz parte da cultura cigana o trabalho artesanal de confecção de cestos de palha, junco e vime, a produção

de potes, tachos, panelas e outros utensílios domésticos feitos de alumínio e cobre. Além disso, a joalheria em ouro, prata e cobre é comum na cultura cigana. É importante mencionar ainda as contribuições que deram para a música, a dança e o folclore.

A “Embaixada Cigana do Brasil Phralipen Romane” (www.embaixadacigana.com.br), sediada em São Paulo, SP, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter social, cultural e assistencial, que tem por objetivo resgatar, fomentar e preservar a cultura cigana. Além disso, a Embaixada busca auxiliar os indivíduos de grupos que ainda encontram obstáculos para o seu acesso à cidadania (documentos de identificação civil), à saúde pública e ao ensino. A Embaixada também atua em escolas, por meio da doação de livros que abordam a cultura, as crenças, as tradições, a língua e o ativismo cigano no Brasil, para as bibliotecas públicas da capital paulista.



Exposição de trabalhos artesanais em cobre durante Brasil Cigano – I Semana Nacional dos Povos Ciganos, Brasília, DF, 2013

Uma tenda no pátio

No dia 24 de maio deste ano, uma tenda cigana foi erguida no pátio da Escola Municipal Dom Velloso, em Itumbiara, Goiás. Pais dos alunos ciganos fizeram a lona simular um acampamento. As mães levaram tapetes e objetos decorativos. Era preciso deixar tudo arrumado e bonito para que a comunidade escolar pudesse comemorar o dia que é dedicado à cultura cigana. Na E. M. Dom Velloso a etnia Calon é respeitada por todos. O processo de inclusão dos ciganos conta com a participação das famílias não ciganas. Tudo começou em 2009. No início houve estranheza, mas a equipe pedagógica mostrou que esse processo seria enriquecedor para todos.

A diretora da escola, Marcela Pereira Jabur, conta que a inclusão das crianças Calon é um trabalho que requer esforço e olhar atento. Trata-se de uma etnia com costumes bem diferentes, e isso exige práticas específicas. "Foi preciso que as professoras e eu pesquisássemos para entender os hábitos e costumes deles e adequar o currículo e o tempo escolar à realidade cigana", diz.

Marcela lembra que, no início, não entendia o motivo de tantas faltas dos alunos ciganos. Depois, aprendeu que as festividades são muito importantes para eles. Quando alguém da família se casa, são sete dias de festa. "E para os ciganos, nesses dias, as crianças não vão à escola", explica.

Com o tempo, professores e alunos começaram a entender e a valorizar essa diversidade cultural. A direção investiu no diálogo. Os alunos ciganos eram convidados a contar sobre sua cultura aos colegas, explicar como são os festejos, o motivo dos trajes coloridos, dos adereços etc. Com isso, os preconceitos foram sendo quebrados.

Para garantir a frequência dos alunos ciganos, a diretora conta que a professora, quando está a caminho

da escola, buzina ao passar em frente ao acampamento cigano para lembrar do horário da aula. Eles respondem com um aceno, confirmando que receberam o "recado".

A equipe gestora explica aos pais dos alunos ciganos como se organizam o ano letivo e as disciplinas e fala sobre a importância dos estudos. As crianças ciganas matriculadas são incentivadas a contar para as outras de sua etnia que não estão na escola o que aprendem em sala de aula. Um pai incentiva o outro a matricular o seu filho. Com isso, aumentou o número de crianças ciganas na escola. Hoje, 18 alunos ciganos de 10 a 17 anos estão matriculados.

Mesmo sabendo da importância da inclusão, em 2012, a escola sentiu necessidade de criar uma turma para os alunos ciganos como alternativa para atender ao calendário da etnia. A direção levou a ideia à Secretaria Municipal de Educação, que aprovou e apoiou a iniciativa. Dessa maneira, a professora pode planejar o trabalho pedagógico de acordo com o calendário cigano, sem que os alunos percam o conteúdo ensinado a todos da escola. É feito nessa turma um reforço de aprendizagem em leitura e escrita. Paralelamente, há um trabalho de integração com os demais alunos e a comunidade escolar.

Marcela conta que os alunos ciganos gostam da matemática e têm facilidade com essa matéria quando o assunto é comércio. Por isso, a escola decidiu enriquecer as aulas com situações-problema envolvendo trocas de mercadorias em feiras e supermercados.

Em um trabalho realizado sobre famílias e moradias, um grupo de ciganos montou uma maquete de uma tenda onde eles vivem. Nas aulas de português, são sempre utilizados materiais da cultura cigana.

O próximo desafio é, segundo Marcela, convencer as mães ciganas a matricular as crianças mais cedo na escola, a partir dos 4 anos.

Saga cigana

Acredita-se que os ciganos têm sua origem na Índia. Eram pertencentes às castas baixas desse país, conforme conta Nicolas Ramanush Leite. Por volta do século XI, iniciou-se o êxodo e a diáspora cigana rumo ao Egito e à Europa. Os ciganos e seus descendentes estavam proibidos de ocupar cargos públicos e eclesiásticos e de receber títulos honoríficos em Portugal. A maioria vivia à margem da sociedade.

Em 1574, muitos ciganos da etnia Calon foram expulsos de Portugal e da Espanha e degredados para o Brasil. Muitos deles vieram para o Maranhão devido ao fato de essa região ser menos ocupada pelos colonizadores e na qual o espaço era disputado com os índios. Depois, os ciganos vindos da Península Ibérica começaram a se espalhar por todo o território nacional. A partir de 1808, com a vinda da família real para o Brasil, ciganos de outras etnias também vieram para o País, como os Rom e os Sinti.

Durante as andanças pelo mundo, os ciganos influenciaram e enriqueceram a cultura de várias regiões. Suas histórias, porém, sempre foram transmitidas de geração em geração pela tradição oral, o que ajudou a criar muitas lendas. Eles não deixaram registros precisos sobre a sua saga pelo mundo.

A cultura cigana desperta fascínio e mexe com o imaginário dos que não são ciganos, os chamados *gadjes*. Entretanto, ainda assim, é uma cultura estigmatizada e envolta por preconceitos. Quando o assunto é o povo cigano, paira uma ideia simplista de que se trata de um povo de hábitos excêntricos e que faz previsão do futuro.

Ainda há várias histórias fantasiosas sobre esse povo: que são pessoas de pouca confiança envolvidas com algum tipo de ilicitude. Para alguns historiadores, essa visão negativa vem dos tempos medievais, época em que os ciganos sobreviviam promovendo entretenimento.



Ciganas em acampamento no município de Itapevi, SP

Lançamento do livro "Palavras Ciganas". O primeiro na América Latina a tratar do idioma cigano

Fim de semana
8 Semana

Correio de Sergipe | quinta 11 e sexta 12-06-2009 | fimdesemana@correiodesergipe.com

IVZ

Cultura
16



RAMANUSH

abrindo as páginas da cultura cigana

Um livro Sem fronteiras

A luz do conhecimento para acabar com a ignorância do preconceito

SIMONE MORGAS

Os ciganos, eternos estrangeiros e andarilhos, fascinam povos de todo o mundo, gerando controvérsias e muita curiosidade. Um grande mistério se fez presente durante séculos sobre o idioma desse povo, afinal o ROMANI, O IDIOMA DO POVO CIGANO é muito diferente do português e exclusivo deste povo, é um vocabulário que se originou pela mistura de muitos outros, resultado de suas andanças pelo mundo. É impossível vinculá-lo a um único idioma ou etnia, mas fascina estudiosos e admiradores. Pela primeira vez na história, um escritor cigano traz ao mundo dos não ciganos uma gramática inédita contendo os segredos desta língua. Cigano do clã Sinte, e desde 1986, Nicolas Ramanush realiza um trabalho de resgate e preservação da cultura junto aos irmãos do clã Calon. O seu clã chegou, oficialmente, ao Brasil, em 1908 e desde então vivem inseridos em ambas culturas: cigana e brasileira. Já os Calons chegaram, oficialmente, em 1574, como degredados de Portugal, e desde essa época vivem à margem da sociedade. Encontrando, desta feita, dificuldade de acesso à cidadania, já que todos os que aqui estão nasceram no Brasil e, portanto, são brasileiros - com direitos e deveres que qualquer outro brasileiro possui. "Meu trabalho, como cigano, antropólogo e linguista, tem sido o de "criar uma ponte" entre os Calons e os brasileiros em geral. No início deste ano com o apoio de minha esposa, Ingrid Ramanush, oficializamos os trabalhos de Ação Social junto aos acampamentos Calon, instituindo a Onçê Embaixada Cigana do Brasil - Phralipen Romani; ou seja, oficializando aquilo que já realizávamos há duas décadas. Eu, Nicolas como pre-

sidente e Ingrid Ramanush como vice-presidente. E parte desse trabalho pode ser conferido no site www.embaixadacigana.com.br", explica. Como profissional da Antropologia e da Linguística passou 18 anos entre ameríndios do Brasil, 4 anos em áreas de remanescentes de quilombos e é justamente dessas pesquisas de campo que originaram os títulos: Nheengatu-Tupi Vocabulário e Gramática Tupi-Guarani; Código Negro Razão Afro-Brasileira (influências do Umbundo, Quimundo e Quiocô no português, falado no Brasil). Além desses, são de autoria dele: Devotos de Santa Sarah Kalí (chás, rezas e simpatias ciganas); Diálogo Umbandista (História da Religião); O Bábion - Ensaios de Antropologia Cultural, e todos sob a assinatura de meu nome literário, Nicolau Tupan-An. "Há 10 anos sou professor convidado da Coordenadoria Geral de Aperfeiçoamento Especialização e Extensão da PUC - SP, Universidade Sant' Anna e professor de pós-graduação na Faculdade de Medicina do ABC - na cátedra História da Sexualidade Brasileira", diz. A ideia de realizar este livro surgiu de um Congresso Romani (Cigano) em Genebra, onde foi discutida a possibilidade de unificação do nosso idioma, mas os participantes chegaram à conclusão de que tal decisão não poderia ser tomada em um escritório, ou seja, os ciganos com capacidade para tal, deveriam elaborar gramáticas de Romani e oferecê-las aos clãs do mundo todo para que desta feita cheguem a um acordo quanto à normatização da língua cigana. "A importância do Palavras Ciganas - Vocabulário e Gramática Sintética do Romani-Sinte - tratado linguístico antropológico sobre Romani - é que um livro não muda o mundo, mas muda as pessoas! E pretendo que ele colabore para acabar com os preconceitos que ainda pairam sobre nós (ciganos) e também aqueles que ciganos

alimentam contra os gadjes (não-ciganos). Este livro é o registro escrito da nossa cultura", afirma. Em relação ao ensino do idioma aos não-ciganos a coisa é simples. "Como Linguista afirmo o seguinte: quem vai a uma livraria e compra um dicionário e gramática do idioma alemão, por exemplo, não estará aprendendo verdadeiramente essa língua. Para tanto haveria a necessidade de uma linguística aplicada ao ensino e ou um curso. E tampouco, estará se transformando em alemão. Ora, o mesmo ocorrerá com meu livro Palavras Ciganas - ele apresentará um vocabulário e uma gramática sintética do Romani-Sinte (que é a variável dialetal falada pelo meu clã). E quem o adquirir, seja cigano ou não-cigano, aprenderá a origem e a evolução do nosso idioma, Romani, e terá, espero, a luz do conhecimento para acabar com a ignorância do preconceito", explica. O lançamento do livro acontecerá no dia 20, deste mês, em São Paulo e contará com apresentação de música e dança Romani com o Grupo Vitsa Ramanush - a dança ritualística fica por conta das ciganas Ingrid Ramanush e Kátia Cavalcante. "Estou muito feliz neste momento. Primeiramente, porque o Palavras Ciganas - Vocabulário e Gramática Sintética do Romani-Sinte ainda não foi lançado e já recebemos apoio de diversos ciganos entre eles meu querido amigo, Prof. Dr. Ian Hancock, nome cigano Yanko Le Redžosko, da Universidade do Texas que segundo ele, "aguarda ansioso seu exemplar autografado". E também por saber que nosso maior ideal nesses anos todos de luta está dando seus primeiros frutos: a discórdia entre os clãs tem diminuído e a médio prazo, acredito, tenhamos uma Phralipen muito forte no Brasil - através da continuidade do trabalho da Embaixada Cigana do Brasil - Phralipen Romani", conclui.

Prêmio Betinho atitude Cidadã



CERTIFICADO



O PRÊMIO BETINHO - ATITUDE CIDADÃ certifica que o (a) Sr.(a)

Nicolas Ramanush Leite

recebeu pelo COEP SP o Prêmio Betinho - Atitude Cidadã 2012
pelo seu trabalho voltado para o desenvolvimento humano e sustentável

Parabéns pelo seu "Jeito Betinho de Ser"

A handwritten signature in blue ink that reads 'Amélia Medeiros'.

Amélia Medeiros
Secretária Executiva-Adjunta do COEP Nacional